

Capitalização e tecnologia, as bases da nova indústria.

— É fundamental que os empresários tomem consciência da necessidade de ser alterado o perfil atual da indústria, pois o uso da informática e da automação vai alterar os métodos de produção, dando maior flexibilidade em matéria de equipamento, afirmou ontem o empresário José Mindlin, expositor do painel "Novas configurações para a estrutura industrial brasileira", no Encontro Nacional da Indústria, no Rio. Acrescentou, contudo, que aquilo vai exigir investimentos vultosos, acima da capacidade da maioria das empresas, e recursos humanos especializados, ainda escassos no País.

Advertiu os empresários para que estudem os reflexos da automação na força de trabalho e na composição de mão-de-obra, que deverá tender a maior nível de qualificação e a uma redução da jornada de trabalho. Como ocupar a mão-de-obra liberada é um problema de importância que não deve ser subestimado, pois os empresários não podem deixar que ocorra o mesmo que aconteceu com os trabalhadores na primeira revolução industrial, disse.

Para Mindlin, os problemas básicos do novo perfil industrial brasileiro são a adequada capitalização da empresa e sua crescente capacitação tecnológica.

Como fórmula de resolver o problema da capitalização, imagina Mindlin que o governo poderia fazer retornar os recursos compulsoriamente retirados do setor privado pelo setor público, tendo em mente especialmente o PIS e o Pasep, que deveriam ser transformados em um grande fundo de investimento para a pequena e média empresas e dando ao assalariado uma efetiva participação no crescimento delas.

Quanto à capacitação tecnológica, disse que o problema é de mentalidade e de recursos. Segundo Mindlin, o empresário deve ter em conta que essa capacitação pode chegar à ser condição de sobrevivência. E que o governo deve apoiar ao máximo o esforço do setor privado nesse sentido, quer através de incentivos fiscais e creditícios, quer através de contratos de pesquisa. Também a empresa estrangeira deve ser induzida a realizar pesquisa no Brasil, disse, visualizando também a substituição gradativa dos acordos de assistência técnica por acordos de cooperação tecnológica.

No mesmo painel, dirigido pelo empresário João de Mendonça Furtado, o ex-diretor da Cacex, Benedicto Moreira, disse que, "se a retomada econômica não for sólida e se não resolvermos o problema da distribuição da renda, teremos adversidades no futuro próximo".

Segundo Moreira, "não adianta abolir o quartel se não tivermos um projeto político e um projeto econômico". Como superburocrata que reconheceu ter sido, disse que mandou mais que um ministro da Indústria e que nunca o País teve uma política industrial definida. Para ele, é fundamental definir para onde se quer ir e de que maneira, pois o País está sem poupança interna e em precárias condições tecnológicas.

Afirmou o ex-diretor da Cacex que o novo presidente terá de resolver o problema de ampliar o salário real, sem, entretanto, onerar as empresas já descapitalizadas. Para isso, deverá reduzir os custos das empresas, cortando encargos sociais e baixar os juros.

Julian Chacel, diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas, afirmou que uma política industrial deveria levar em conta as vocações naturais do País que, a seu ver, recaem sobre os setores de mineração, agroindústria e indústrias manufatureiras intermediárias, bem como a tecnologia de ponta para garantir um mínimo de modernidade ao nosso parque industrial. Para a criação de uma tecnologia autóctone, disse que o Estado deveria financiar a pesquisa pura, não finalista, como pré-condição para que o processo de desenvolvimento industrial seja auto-sustentado.

Jorge Gerdau Johannpetter disse que os empresários deveriam exigir que o Estado não interviesse no mercado, bem como exigir maior eficiência do setor público. Disse que o capitalismo brasileiro deveria fugir das proteções fictícias e atrair novamente capitais internacionais, voltando à condição de importador e não exportador de capital. Mostrou preocupação com a política de informática. Afirmou que, enquanto a França e a Inglaterra adotam para o setor uma política de competição selvagem (wild) o Brasil procura estabelecer cartórios.

Por outro lado, o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato, disse que vai apresentar um documento ao candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, em que mostrará o quadro de dificuldades da indústria nacional.

A indústria está com um problema social muito sério, que é o desemprego, que em outubro, no Rio, apresentou o índice de 6,3%. E, de outra parte, precisamos dimensionar a recuperação econômica do País.

O otimismo de três empresários estrangeiros

Três empresários estrangeiros, representantes de multinacionais escandinavas que operam no Brasil, manifestaram ontem seu otimismo com relação à economia brasileira em 85. Dos três, os mais animado é Ake Norrman, presidente da Saab-Scania, fabricante de caminhões e ônibus, que registra este ano seu melhor desempenho dos últimos quatro anos: 42% de aumento nas vendas internas, 30% nas exportações e 17% de aumento no nível de emprego.

Para Norrman, "são sinais efetivos da retomada da economia brasileira". Segundo ele, o Brasil é hoje o maior mercado mundial para as vendas de veículos do grupo Saab-Scania. E as perspectivas para 85 são ainda melhores, principalmente com o aumento nas vendas de ônibus a partir de novo estímulo ao transporte coletivo.

Já o presidente da Valmet, da Finlândia, Matti Kankaanpää, diz que os investidores estrangeiros estão vendo com otimismo a recuperação da economia e o processo de abertura política no Brasil. Ele só teme a inflação, que considera "preocupante", assim como outro empresário escandinavo, o sueco Tage Karlsson, superintendente da Volvo do Brasil. Para ele, o novo governo, ao assumir em março, terá de estimular o crescimento de forma moderada, para evitar aumento da inflação. Ele prevê crescimento de 4% em 85, mas diz que tem medo — como toda a diretoria de sua empresa — da inflação.